

MÃE BALBINA: HISTÓRIAS DE UMA VIDA¹

Marcos Rodrigues²

Resumo: Este trabalho apresenta aspectos da história de vida Mãe Balbina, principal liderança social e religiosa do século XX, na Ilha de Maré, Salvador. Com a ausência de serviço público de saúde nas comunidades da periferia e do interior, teve destaque fora do alcance das observações científicas nas funções de parteira, rezadeira e curandeira, além de mãe de santo. Além de cuidar do nascimento, mantinha práticas rituais de cura em benefício da saúde da população e desenvolveu a crença através do culto afro-brasileiro. Seu papel social ganhou uma popularidade que permanece na memória coletiva local como exemplo de sabedoria e conhecimento da medicina popular e prática de primeiros socorros. Aqui, segue um pouco dessa memória.

Palavras-chave: Ilha de Maré. Mãe Balbina. História de vida. Memória. Candomblé de caboclo.

A Ilha de Maré, periferia de Salvador, guarda grande número de episódios e passagens que compõe a sua história. Um lugar repleto de experiências ainda não reveladas, sobretudo a partir do período transitório entre o Império e a República em que figurou a abolição da escravatura. De olho nesse contexto de mudanças sociais se dá a investigação em torno da nossa personagem aqui em discussão. E através de um trabalho de observação participante, foi possível coletar histórias da vida de Balbina Bárbara de Santana junto às narrativas orais de quem testemunhou o seu tempo.

A história de vida de algumas pessoas em Praia Grande, na Ilha de Maré, possui uma raiz em comum: a pessoa de Balbina, tendo em vista a sua importância na região. Entre o final do século XIX e o início do século XX, a cidade do Salvador, na Bahia, respirava os novos ares da República e se

¹ Este texto é uma versão parcial do capítulo 4 da Dissertação de Mestrado intitulada “Três Conversas de Barracão em Praia Grande (Ilha de Maré) hoje, assim como no tempo de Mãe Balbina”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro) da Universidade Federal da Bahia, defendida e aprovada em abril de 2012, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo N. Bernardo da Cunha.

² Bacharel em Comunicação; Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia. Email: jmbr@bol.com.br

adaptava à nova política econômica e às relações de trabalho livre. Ainda vivia a fase áurea da sua função portuária, num período de intenso fluxo migratório devido à fase inicial de pós-abolição. A população negro-mestiça, mão de obra livre, também se movimentava em busca de novo rumo, emprego, outros espaços. Esse trânsito se dava basicamente através do transporte marítimo. Entretanto, nessa dinâmica social o segmento afro-brasileiro seguia como base da nova economia.

A Ilha de Maré é a segunda em extensão no arquipélago da Baía de Todos os Santos, com quase 14 quilômetros quadrados de área.³ Afastada de Salvador, a partir do terminal de São Tomé de Paripe, por apenas nove milhas náuticas (equivalente a cinco quilômetros), localizada em frente ao Porto de Aratu, na foz do rio Cotegipe, possui uma população estimada em cerca de dez mil habitantes,⁴ majoritariamente pessoas negro-mestiças. O local é constituído de povoados em torno de uma vegetação elevada, sendo Santana e Praia Grande os mais habitados.

A cidade vivia um processo permanente de migração de ordem variada e por inúmeros motivos. O mar da Baía de Todos os Santos continuava colorido de saveiros que transportavam passageiros e mercadorias entre Salvador e o Recôncavo numa época em que o transporte rodoviário ainda não era tão intenso. Vale lembrar a inexistência de algum meio de comunicação, de água potável e energia elétrica em um território que passou a ser dominado pelas famílias compradoras como Maia e Cafezeiro. Sobre essas famílias citadas, Oliveira (2011) apresenta uma pequena genealogia em levantamento feito a partir do registro de propriedades nos Cartórios de Ofício de Imóveis e Hipotecas de Salvador. Os Cafezeiro se tornaram proprietários da Fazenda Cruz, em Praia Grande.

³ Dados da Secretaria Municipal dos Transportes Urbanos e Infra-Estrutura – SETIN informam que a ilha tem exatamente 13,79 km².

⁴ Estimativa antes da divulgação do Censo de 2010.

Possivelmente, foi nesse cenário de transição política e social que chegaram à ilha Balbina e seu marido, Silvano, na localidade de Praia Grande, para fixar residência e se tornar uma liderança popular. A perspectiva dessa breve análise hipotética é que sirva como elemento chave para a compreensão da história de vida de Balbina na Ilha de Maré. Sua trajetória, apesar de fragmentada, e pela sua singularidade, é digna de registro na história da cidade do Salvador. Mulher de coragem, sempre ativa, espiritualizada, bem articulada, parteira, curandeira numa época crítica em que as pessoas portadoras de poderes sobrenaturais eram perseguidas, especialmente nos terreiros de candomblé que sofriam as investidas cruéis da polícia.

Balbina instalou um terreiro de candomblé na Cidade de Palha, local de poucos moradores e acesso não muito fácil. No pé da ladeira, havia uma gameleira que muitos diziam ser mal-assombrada. E lá em cima, no fim da rua ficava sua casa. Lá do alto, a visão deslumbrante mostrava a paisagem marítima, o velejar dos saveiros no embarque ou desembarque, o vai e vem de pescadores, quem vinha na sua direção a desafiar a subida, além de todo um panorama verde no entorno. Dona Adelita⁵, 82 anos, foi a primeira testemunha mais próxima daquele período encontrada para contar um pouco sobre a origem de Balbina, porém com limitações.

P- Era um período, década de 20, 30... e ela já tava lá desde quando?

Quando eu nasci ela já estava lá.

P- Também ela nunca disse quando chegou ali?

Não. Também a gente não se interessou.

De acordo com os relatos orais, era considerada a mãe da ilha. Ninguém sabe dizer quando chegou para lá. Sua origem ainda é imprecisa, em decorrência da falta de documentação e falhas das memórias orais. Enquanto o cartório de Periperi nega o acesso a uma busca apurada nos registros de óbitos da ilha, por outro lado, os descendentes de Balbina não possuem nenhum tipo de documento a não ser fragmentos de memória. Daí a memória se constituir um

⁵ Entrevista realizada em 27/07/2011.

fenômeno somente através da oralidade. Rouchou (2000, p. 176) defende que “onde não há documentação, recorre-se à história oral”. E ainda sem algum tipo de documento esta ferramenta pode servir como um recurso complementar num trabalho de campo.

Logo, além dos familiares, outras pessoas foram contatadas para compor o mosaico de parte da vida de Balbina. Dona Adelita, hoje moradora no bairro de Itapuã, uma espécie de arquivo humano vivo sobre aquele tempo, não alcança muito o início da chegada de Balbina à Ilha de Maré. Entretanto, recupera algumas passagens da época.

P- Como era a ilha naquele tempo?

Não tinha nada, muita fraqueza. Só tinha demais era marisco pra se comer demais e banana. Não tinha loja, nunca teve uma farmácia, até hoje não tem, não tinha hospital, o médico pra ir lá era uma vez no ano e se fosse passear era um doutor, ou era um deus que se recebia.

P- E também pelo que percebo, morava pouca gente lá...

Morava menos, mas morava. Sempre foi um povoado, sempre teve casa lá. E eu lhe digo morava a família da gente, morava a família Cafezeiro, morava a família Magalhães, que era a minha, a família Maia. Era três famílias.

P- E se morava bem lá?

Morava. Cê dormia e acordava sem uma notícia desagradável... tudo ali, noite de lua a gente ia cantar roda na praia, de mãos dada dizendo verso, os namorado ali sentado, tudo, era uma vida santa.

Desde as primeiras décadas do século passado, a população local conviveu com as práticas de cura e rituais caseiros de uma parteira que se instalou na Ilha de Maré, uma vez que não havia serviço público de saúde por lá. O quadro não devia variar muito em toda a Baía de Todos os Santos. Os moradores mais antigos não hesitam em dizer que a conheceram, tamanho era o seu prestígio na região. Mãe Bina de lansã era única por lá, requisitada por todos que precisavam.

Conhecer mais de perto a Ilha de Maré implica num grande desafio, sobretudo quando se trata da história de vida das pessoas que perderam a visibilidade após a sua existência. Apesar do compromisso da entrevista, as conversas

foram geradas espontaneamente, porém com uma memória em fragmentos. As pessoas lembram-se de casos isolados. Documento, nenhum, a não ser as narrativas orais. Aqui, o que segue relatado, foi registrado ainda por aqueles que se dedicaram a contar um pouco de suas lembranças.

Durante a experiência do trabalho de campo, a bagagem sócio-religiosa de Balbina, exposta por todos que a conheceram, trouxe uma indagação: onde teria sido feita no santo? Daí, pode-se perguntar ainda que tipo de grupo se formou em Praia Grande a partir de Balbina e qual sua relação com o poder público? A importância do testemunho de dona Adelita sobre Balbina se traduz pela memória retomada durante a entrevista.

P- A senhora tinha alguma relação com a casa de Balbina?

Tinha porque Balbina era comadre de meu pai. Meu irmão mais velho, que meu pai teve no tempo de solteiro, quem batizou foi Balbina. Eliziário era o nome de meu irmão. E a gente aí cresceu e sempre que tinha alguém doente era Balbina pra dar um chá, que ela era filha de índio.

P- Ela nasceu na ilha?

Não, ela nasceu pro lado de cá de Itapuã... das barreiras, um lugar que chama barreira... ela... eu sei até aí... ela não é mareense não.

P- Então, ela não era da ilha?

Não, nem ela nem o marido dela era da ilha. O marido dela era daqui, itapuanzeiro.⁶

P- A senhora sabe onde ela fez santo?

Ela não fez.

P- Ah não? Tinha de família?

Ela herdou isso da mãe dela, porque a mãe dela era índia. Ela olhava num copo, essas coisa, fazia, tinha vidência, tudo... eu sei que o povo se dava bem. Vinha gente do Rio de Janeiro na casa dela. Eu digo: alguma coisa ela sabe... porque não vai gente sair de suas casas num lugar desse sem achar resultado, né verdade?. Ela tinha um dom que Deus deu. Esse dom foi de zelar das pessoas.

P- Ela chegou pra lá quando?

Não sei, quando ela chegou lá eu nem era nascida. Agora, os filho dela nasceu na Ilha de Maré.

⁶ Referência a quem nasce no bairro de Itapuã, em Salvador.

A resposta de dona Adelita sobre a feitura de Balbina é correlata às observações de quem conhece a estrutura do culto ao caboclo. Foi a única pessoa a fornecer tal informação em todo o trabalho de campo. No estudo de Santos (1992), a feitura de santo é o sinal de legitimação absoluta dos valores religiosos de origem africana. Muito oportunamente, o antropólogo, ao abordar sobre a questão, revela que o caboclo não precisa de iniciação em função da maior representatividade da cultura ameríndia adquirida em que está inserido. E como prova, reproduz o diálogo a seguir, já registrado antes por Ruth Landes (1967) entre o etnólogo Edison Carneiro e Mãe Sabina, líder de terreiro de culto a caboclo, em Periperi, nas primeiras décadas do século XX.

“Quem a fez, dona?

- Ninguém. – O tom era cauteloso – o senhor sabe que nós, as mães caboclas, não somos tocadas por mão humana. Quem me fez foi o espírito de um índio que veio a mim em sonho. Ele morreu há centenas de anos e é o meu anjo-de-guarda”.
(LANDES, 1967, p. 178)

Se quase nada sabemos da ascendência de Balbina, seus descendentes fincaram raiz na ilha. Normalmente as maiores referências são as duas filhas Madalena e Maria Genoveva (Menininha). As netas e os bisnetos também estão por lá e foram formando novas famílias. Dona Adelita lembra que era comadre de Menininha. Porém, Balbina teve outros filhos.

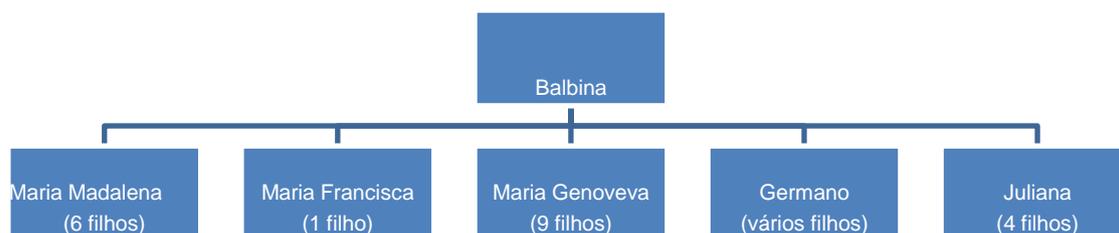


Figura 1 - Descendentes de Balbina

Fonte: Marcos Rodrigues

A elaboração desse gráfico só foi possível depois da entrevista com dona Alzira, neta de Balbina, filha de Madalena. Foi a única pessoa a informar que sua avó teve cinco filhos, conforme exposição genealógica (fig. 1). Na verdade fui para marcar entrevista, mas esta aconteceu logo diante da disposição da fonte. Lembrando de novo que o campo traz surpresas, a conversa com dona Alzira foi interessante e útil. Era a grande testemunha, embora a memória já não respondesse a tudo. Suas informações foram preciosas, a exemplo da identificação dos seus tios e a passagem dos últimos dias de vida de sua avó Balbina.

Certamente, seu nome fora dado pelos pais pela data que em nascera, influência católica do dia de Santa Bárbara. Balbina nasceu no dia 4 de dezembro, e como não se sabe em que condições foi adicionado o nome de Bárbara, tornou-se filha de lansã. Dona Adelita explica que sendo de orixá mulher, tinha a companhia do caboclo Rei das Ervas na liderança. Balbina recebia esse caboclo, considerado curandeiro e, por uma questão fonética da troca da letra R pela letra L, todos na ilha o chamam até hoje de “Pai Rei das Elvas”. Outras palavras também sofrem a mesma alteração na fala e no canto da população local.

Cerimônias festivas eram poucas. Na casa de Balbina, a cada quinze dias se faziam reuniões, conhecidas como salvas pelo povo de santo. As salvas são cantigas de caboclo, também conhecidas como toadas, geralmente em português que procuram exaltar a sua trajetória mítica. No verão, aconteciam semanalmente. Quando se anunciava que haveria salva, as pessoas se organizavam para a ocasião. O testemunho de dona Adelita é muito valioso nesse sentido, uma vez que ficou configurado tratar-se de uma casa de caboclo e seus depoimentos trazem uma dose dessa memória ancestral.

P- E não se era muito de fazer festa né?

Tinha de quinze em quinze dias. Quando chegava o verão, fazia de oito em oito dia. Como os crente fala hoje em dia: “vou pra reunião”, então chamava-se salva, hoje vai ter salva... tinha aquela reunião, as filhas de santo, as que podiam ir, se reunia de sete hora até nove e meia, dez hora ali, rezava, os irmão baixava, dizia o que queria, o que não queria, o que podia fazer

e o que não podia... chamava-se salva... “hoje vai ter salva na casa de mãe Bina, vai pra salva?”...

P- Mas acabava sendo uma sessão espírita ou de caboclo?

De caboco. De caboco, não, morrer lá pra encostar ninguém não queria não, tem de procurar Deus. É de caboco, lá a sessão era de caboco e chamava salva. “Vambora hoje, vamo salvar pra caboco”, caboco vinha... a casa era de caboco.

P- Tinha orixá, mas a casa era de caboclo?

E a dona da casa era lansã e o dono era o pai Rei das Elvas, o caboco, que era o curandeiro. lansã, a dona do pedaço, né?... É, tinha muita coisa boa ali...

Hoje, graças ao conceito da etnicidade, podemos compreender melhor os encontros, apagamentos, negociações e reconstruções de valores identitários para garantir o sentimento de pertencer a um grupo constituído. Simultaneamente, Balbina construiu uma diáspora e uma matriz do candomblé de caboclo na Ilha de Maré. Sua descendência indígena absorveu os valores africanos e europeus e prosseguiu com uma nova forma de ser cultural na relação emergente entre grupos subalternos. Portanto, nada de hegemônico nem rígido na reelaboração dos ritos religiosos a não ser a forma de tocar atabaque com as mãos.

O que pode estar mais próximo da nossa compreensão neste trabalho, tendo em vista o passado impreciso de Balbina, é que o desenvolvimento do culto religioso popular com orações, salvas e festas, se explica pela bagagem cultural de sua principal liderança e pela sua capacidade de negociação para uma nova etapa de vida num grupo social estranho ao que vivia anteriormente. É preciso lembrar um ponto em comum entre Itapuã e Ilha de Maré. Ambos os locais durante a primeira metade do século XX eram balneários pertencentes ao município de Salvador, portanto isolados, fora do centro das atenções e decisões políticas e sociais.

Também não se sabe ao certo quanto tempo Balbina morou na ilha nem quanto tempo durou seu terreiro de candomblé. Mesmo porque este ainda foi assumido pela filha Madalena, após o seu falecimento. A especulação deve girar em torno de 50 a 60 anos. Também, ninguém nunca se importou em

saber a dimensão da família de santo gerada por ela. São informações que se perderam na memória dos entrevistados. Dona Adelita continua com seu testemunho, embora em alguns momentos trocando nomes.

P- Ela teve muito filho de santo?

Teve, demais... tinha muito filho de santo... muita gente. E lá tudo era bem feitinho sem os erro de nada, em primeiro lugar fé em Deus e respeito. Aquela velha era reconhecida mesmo, de respeito...

P- Quanto tempo mais ou menos o candomblé dela durou lá?

A vida toda que ela viveu. A vida toda. Depois Menininha, a filha ficou fazendo festa, ficou fazendo direitinho.

P- Aliás, quem assumiu a casa dela foi Madalena, dona Menininha fez a casa dela depois...

Foi Madalena, foi. Madalena, que era de Nanã.

P- Então ela ficou durante uns 50 anos...

Fazendo o candomblé lá na Ilha de Maré, foi isso mesmo, foi menos que isso não.

O início da construção do terreiro também é desconhecido. Portanto, Balbina negociou, se legitimou, gerou um grupo hierarquizado a sua volta e construiu a sua história no local. Em Praia Grande, todos os entrevistados declararam que quando nasceram, Balbina já existia, já morava na ilha. Balbina parecia ser uma pessoa predestinada no que fazia. Numa localidade onde a cultura política soprava novos ventos, construiu a função do amparo e do cuidado, através de atos de caridade, na medida em que também aumentavam os laços de compadrio. O ofício de parteira é lugar comum na memória de todos os depoentes, mesmo aqueles que não conseguiram se lembrar de muitos fatos ou momentos. As declarações que seguem sobre a pessoa de Balbina possuem significados muito próximos, tendo em vista que gerações nasceram através de suas mãos. As perguntas eram: “Quem era ela? Qual sua importância na ilha?”

Ela era uma pessoa muito entendida, uma mãe de santo, né?... muito entendida mesmo. (...) Tudo que ela botava a mão, ela dava conta. Pessoa muito, muito entendida...
(dona Judite)

Era, curadeira mesmo, aquela dali fez muita falta aqui. Gente que ia pro médico, pra Base Naval, quando voltava dizia: “hum não vai chegar nem ao caminho”. Chegava aqui, ia pra mão dela, ela labutava, labutava, botava a pessoa boa, boa mesmo. (...) Era uma mãe de santo, uma curadeira muito boa. (...) O pessoal tinha muita fé. Tudo que ela fazia dava certo, curava as pessoas, gente desenganada do médico e ela curava, botava boa. Ia pra o médico fazia exame tudo, o médico desenganava, vinha pra ela, gente de longe mesmo, não era daqui de perto não. De Passé, de Candeias, de Feira de Santana, de São Francisco do Conde, Caboto... era gente que vinha pra aqui ruim mesmo desenganada do médico, ela curava. Ela era curadeira mesmo, a finada Balbina.
(Angélica)⁷

Era zeladora, podia a pessoa ter a doença que tivesse... Clarice, uma prima minha que mora ali, tava com pobrema, levou pra ela, a finada mãe dela levou, fez remédio botou, oh Clarice aí, ficou boa. Não foi pra médico, num foi pra lugar nenhum. Ela curava, curadora mesmo. Curava a pessoa, podia ser doença de médico, pode ser o que for, que ela botasse a mão, você creia em Deus, podia dizer: tava salvo.
(Dona Angelina)

Ela tinha muita importância aqui na ilha, era uma parteira aqui de mão cheia, ela e... sobre também problema da seita. (...) Antigamente só tinha ela, era a primeira mãe de santo que tinha aqui na ilha.
(Anade)⁸

Era ali... era parteira... durante o dia dava banho na criança, a pessoa dava o que queria, não tinha preço estipulado, tá entendendo? agradava ela, era o meio dela... rezar olhado, cobreiro, qualquer coisa que tivesse ia a ela, não piorava.
(dona Adelita)

Mulheres aqui de parto, menino atrevesado, a pessoa já arquejando já pra morrer, e ela colocava na mão, desvirava o menino, salvava a pessoa e o menino.
(Angélica)

Ela vinha aqui me ver. Meus filho todo foi ela que pegou... Eu só tive uma em Salvador porque foi dois, foi mabaço. [...] Então, ela pegou acho que os filho de todo mundo aqui. Dona Balbina era falada. A gente chamava ela mãe Balbina.
(dona Maria, mulher de seu Marinho)⁹

Conheci. Era comadre da minha mãe... Ela fazia parto inclusive... sim da minha mãe foi ela que fez e de todas minhas irmãs...
(dona Judite)¹⁰

⁷ Entrevista realizada em 10/07/2011.

⁸ Entrevista realizada em 08/03/2011.

⁹ Entrevista realizada em 26/10/2011

¹⁰ Entrevista realizada em 25/04/2011

Muitos dos informes passados por dona Adelita eliminaram dúvidas e geraram motivos para outras discussões. Por exemplo, era muito curioso que Balbina tivesse sido uma mãe de santo bem sucedida no início do século XX sem ser importunada pela polícia um momento sequer. Era um período de caça às bruxas, em que candomblé e capoeira eram casos de polícia e motivo de perseguição. A repressão policial aos terreiros na Bahia era quase uma rotina durante a primeira metade do século passado (Braga, 1995). Em primeiro lugar é preciso lembrar que não se tratava de uma pessoa com traços da escravidão, nem, ao que parece, descendente de família alforriada. Sua aparência de pele mais clara teria favorecido um trânsito mais livre e articulações mais amplas, de maior alcance. Também parece que a cultura indígena já não respirava mais o ar da modernidade.

Sobre essa questão de perseguição na ilha, não há notícia. Dona Adelita declarou que sua avó era quem costurava a roupa do delegado da Ilha de Maré. João Cafezeiro, na sua descrição, um homem branco, gordo, dono da Fazenda Cruz. Pertencia a segunda geração da família Cafezeiro, que passou a dominar as terras de Praia Grande a partir de 1908 (Oliveira, 2011). A relação entre Balbina e ele pode simbolizar o que conhecemos na etnicidade como negociação. Levando em conta o pensamento de Foucault (s/d), percebe-se a presença universal do poder, que vem de todo lugar e acredita-se que não há lugar sem poder. No cenário imaginado, onde a relação de luta marca a eterna oposição entre resistência e dominação, os grupos de interesse se organizavam a compartilhar normas na integração social com os demais membros da coletividade (Rosário, 1989). Apesar de protetor, não foi encontrada informação de que ele fosse freqüentador ou cliente do terreiro. Dona Adelita segue com mais revelações:

*P- Ah, então lá tinha delegado?
Tinha, João Cafezeiro.*

*P- Na época em que dona Balbina tinha terreiro, era o período que a polícia corria atrás dos candomblés...
Sim, e não corria atrás dela por causa de João Cafezeiro que era o padrinho do negócio lá... era, tudo dela era ele que resolvia pra isso. (...) Pedrito que morava em Periperi,*

Plataforma... era um branquinho, pequenininho... não deixava os candomblé..

P- *Ele era compadre dela?*

Chamava compadre, mas não chegou a batizar filho não. Agora ele era um bate-forte dela porque ninguém mexia com ela. (...) Era o dono da Praia Grande, ali.

P- *Ele morava lá?*

Morava (...) Tinha um casão tão bonito! Mas a ignorância deixou cair, abandonou a casa colonial, uma coisa linda na Ilha de Maré...

Retomando o que foi dito anteriormente sobre a negociação, a partilha das normas serve para obter e assegurar a legitimidade, afinal uma necessidade de todos. É um elemento que não pertence apenas a um grupo dominante uma vez que o cenário reproduz uma eterna guerra simbólica pela legitimação dos valores, mesmo em situações mais dissonantes. Num grupo social, todos buscam ser legitimados, mesmo com desvios e ou adaptações. E para isso, é preciso ter o aval de alguém. Sendo Cafezeiro uma autoridade no local, nas palavras de dona Adelita, com mais esclarecimento em cultura, seria muito natural que Balbina tivesse sua condição legitimada através dele. O espaço religioso não oficial estaria garantido pela relação política com o representante do poder.

Quando o objeto em discussão é Balbina, seus papéis se misturam. Se como parteira sua fama não tinha limite de alcance, como mãe de santo nada ficava a dever. Os casos são muitos e os boatos também. Entretanto, os sentimentos de consideração, gratidão e admiração são percebidos logo que seu nome é pronunciado. Sem sombra de dúvida, foi uma pessoa que teve um grande papel como líder religiosa em Praia Grande, especificamente, e na região da Ilha de Maré, de forma mais ampla. Os depoimentos são preciosos não só por se constituírem em memória, mas pelo fato de seus autores terem testemunhado muitos dos fatos acontecidos. A começar pelo depoimento de Anade, é possível observar como são fortes as referências de poder atribuídas à sua avó.

P- *Como exemplo de vida, como a senhora via a finada Balbina?*

Dento do candombré aqui, todo mundo só procurava minha vó Balbina. Vinha gente do fim do mundo procurar minha vó Balbina sobre pra fazer parto e sobre o negócio também do candombré.

P- *Algum caso que ela nunca tenha dado jeito?*

É... Sobre o caso do candombré, ela dava o jeito mesmo. Agora sobre da parte do parto, tinha coisas que ela não podia fazer aqui, então ela juntava com a partoriente e ia pra Salvador fazer o parto lá com médico. Ela trabalhava com o médico. A pena dela acho que ela não tinha carteira. O médico dizia a ela: “é pena a senhora não ter (a carteira)”...¹¹

P- *Mas ela tinha conhecimento...*

Tinha, tinha conhecimento, sabia trabalhar e trabalhava com brabo, não é esse negócio que tem aí hoje, essas besteira não, ela trabalhava com o diabo brabo mesmo e tirava.

Balbina exercia ainda mais uma função, a de rezar e curar junto com a de líder religiosa. Como chefe de terreiro, organizava sua grande festa no dia 4 de dezembro para lansã, atraindo grande número de pessoas até a ilha. Era o tempo do saveiro e da alvarenga, pequeno bote que fazia o transporte de passageiros e mercadorias pela Baía de Todos os Santos. A festa de lansã na casa de Balbina tem fama até os dias atuais. Segundo os relatos, durava dias e o comentário geral é que nada se compara com o que acontece agora. Mais uma vez, as pessoas lembram o passado no presente para compreender a falta que ela faz, devido ao seu perfil empreendedor de organizar momentos para reunir uma multidão na Cidade de Palha. Quem viveu aquele tempo, não deixa de se lembrar com saudade do grande evento que era a festa de lansã. Tinha até quem exagerava na contagem dos dias.

P- *Já ouvi falar que durava cinco dias...*

Não, até oito dias, sabe por quê? Pegava no dia 3, que era 4 de dezembro, então era a festa dela 4 de dezembro, então ela pegava no dia 3, acabava no dia 8, que era dia de Nossa Senhora da Conceição. E a gente ali ohi, até hoje tô nisso aqui, oh. Os pessoá fala: “oh larga isso, como guenta?” Eu digo: “hoje vocês não tão guentano com nada rapaz, fazer festa era naquele tempo que a gente levava era sete, otio dia, agora qualquer coisinha que tem vocês tão cansada uma cochila pro lado outra cochila pro outro”.

(Anade)

¹¹ Os profissionais de saúde possuíam um documento oficial de classe.

Quando batia candombré aqui em cima... era oito dias, começava dia quato, acabava no dia oito, dia de Nossa Senhora da Conceição. Era a ilha inteira pra trabalhar só pra ela. Era a festa que tinha aqui em Maré. Era saca de farinha, milho, era saveiro...
(Isabel)¹²

Balbina não é só uma memória imaginada. É uma memória testemunhada. Não foi uma criação coletiva. Possivelmente pode gerar uma mitologia no futuro, mas por enquanto mesmo de forma fragmentária, as lembranças são trazidas de forma muito precisas e com detalhes. O seu poder de cura se estendia a males desconhecidos pela modernidade e a casos que a medicina convencional não se habilitava a tratar, tampouco curar. Há até quem diga que era uma mulher milagrosa. Seu conhecimento sobre as folhas medicinais era vasto e sobre rezas para qualquer mal, estava ali. Embora o espaço aqui não seja suficiente para todos os depoimentos, o relato que segue dado por Angélica é um exemplo que legitima a sua atuação na Ilha de Maré.

Meu marido mesmo quebrou a perna jogando bola, pra dizer, não tinha meio de descer pra cidade, nem nada, era aqui mesmo, ela entalou a perna dele com a tala do dendezeiro e do bambu. Ele levou um bocado de tempo com ela, que quando tirou, tava até ferido. Formou uma ferida que o senhor via o osso. Pra dizer que a carne apodreceu toda, aquela carne, ela pegava a perna dele, Nô chorava como menino pequeno, ela cortava aquela carne toda, tirava aquilo, lavava tudo que o senhor chegava a ver esse osso aqui, oh. E ela curou. [...]
Aqui tinha uma criatura que não enxergava. Os olhos dela tava branco, branco, só o senhor vendo, quase não via nem mais aquela sombrinha do preto. Ela curou com crista de galo. Todo dia ela pisava aquela crista de galo botava num pedacinho de pano, espremia aquela água da crista de galo, da folha e colocava. Aquela vermelhidão, aquela embranquição que tava nas vista foi saindo, saindo, que o senhor visse tomava pavor. Quando ela botava, a criatura ficava sentada. Quando pensava que não, a água começava a escorrer, a escorrer... quando via, juntava no canto dos olho aquela massa branca, eu sei que alimpou a vista dela. Ela aí, ia todo dia, ela perguntava: “venha cá, como é que está?” [a paciente respondeu:] “Oh minha velha, eu tô vendo que parece um vurtinho”. Quando foi um dia, ela botou o menino de junto dela, ela [a paciente] fez: “esse daí é fulano”, pronto começou a enxergar. Pergunta a Baia. Isso aqui foi comentado, falado Deus e o mundo veio ver, veio espisar. Ela era curadeira mesmo.
(Angélica)

¹² Entrevista realizada em 07/03/2011.

O grupo conhecido como família de santo consiste na mola mestra de um terreiro, onde a mãe de santo constitui a sua liderança. Lima (2003) analisa nitidamente a formação das famílias pela linhagem da religião de origem africana. O desmanche realizado pelo tráfico negreiro teve sua contramão gradativa na diáspora, no contexto da escravidão. O reagrupamento conseguiu menos eficiência na linhagem biológica e mais no lado religioso, o que veio a contribuir na formação de uma nova ordem familiar. Segundo o pesquisador, foram poucos os casos de famílias biológicas mantidas na formação dos terreiros de candomblé. Na ilha, Balbina gerou sua própria família e construiu um grupo com os valores sociais e religiosos possíveis da época.

Mediante o diálogo mantido com as fontes, outro hiato na trajetória de Balbina é como teria iniciado sua família de santo. Quem teria sido o primeiro ou quem teria entrado no primeiro barco de iaô em sua casa? Se não era tabu, esse é um assunto que não ficou no alcance da memória de ninguém. À medida que vão surgindo elementos, é possível perceber que a história de Balbina é composta de muitos outros fatos que não foram percebidos a tempo de serem esquecidos. Entretanto, sabe-se que foi a primeira pessoa a instalar um terreiro de candomblé na Ilha de Maré e três de suas filhas carnais eram também suas filhas de santo. Madalena, Menininha, Cili e dona Joana (filha adotiva), foram iniciadas na casa de Iansã e do Caboclo Rei das Ervas. Almofadinha era de uma outra família de Praia Grande. Daí para frente, conhecemos o que é possível na comunidade atual.

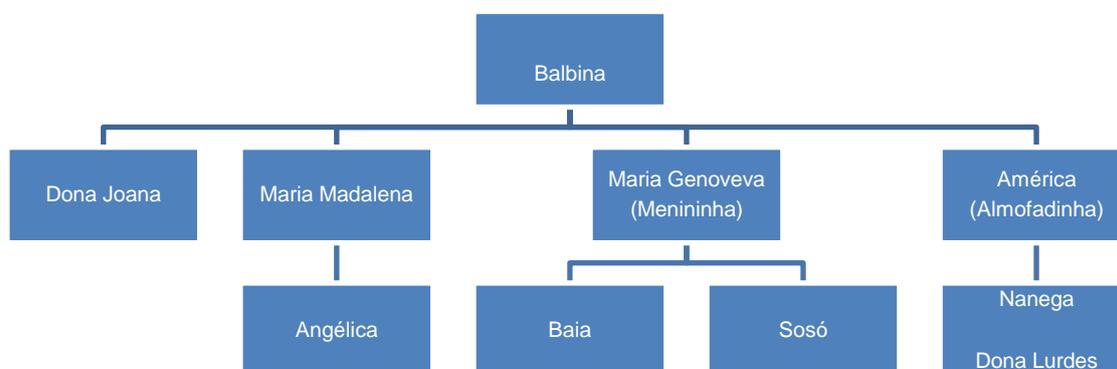


Figura 2 – Família religiosa de Balbina
Fonte: Marcos Rodrigues / Pesquisa de campo

O que chama atenção neste gráfico (fig. 2) é o fato de que a família biológica e a família de santo se misturam. Portanto, natural a existência de parentes de sangue e de santo. Tal prática se deu na geração seguinte com Maria Genoveva que se tornou mãe de santo de suas filhas naturais. Baia é mãe de santo do filho, Mirês. Nesse contexto de geração de um novo grupo familiar, muitas vezes, os integrantes atribuem um significado de grande representatividade e de pertencimento. A ampliação da rede de parentesco, hábito típico do período de adaptação da nova realidade pós-abolição, fez parte da construção dos novos valores e conceitos de família dos locais afastados dos centros urbanos. Na leitura dessa cadeia, observa-se que a diferença ficou por conta de dona Joana, que não gerou outro grupo religioso e dona Almofadinha, que abriu terreiro em Candeias e, provisoriamente, uma filial na Rua de Cima. Após sua morte, a casa assumida pela cunhada, dona Nanega, falecida há três anos.

O tronco principal da família de santo na ilha consiste na descendência de Balbina, que acabou gerando outras casas e que, de algum modo, se limitaram a não se multiplicar na mesma proporção nem na mesma linhagem de trabalho. Suas duas filhas, Madalena e Menininha, assumiram cargo de mãe de santo, deixaram vários filhos e, para a geração seguinte, apenas Menininha deixou herança direta. Da casa de Madalena, ninguém da família seguiu carreira religiosa nem foi parteira. Da família de santo, Angélica mais tarde abriu terreiro. Sua mãe de sangue foi filha de santo de Balbina. Na casa de Menininha, Baia assumiu por uma questão de contingência, mas revelou em vários momentos que não queria se tornar mãe de santo e costuma dizer que está por conta da vontade de Deus.

A função de parteira de Balbina agregou a de madrinha, gerando a legitimidade de sua prática e uma grande legião de afilhados, o que demarcava também a hierarquização da comunidade local. Seu nome ainda é lembrado com o carinho de quem a conheceu, seja parente ou não. Os depoimentos são

carregados de saudade. A opinião geral é de que o candomblé não tem a mesma força e as pessoas já não tem a mesma responsabilidade daquele tempo. Há pessoas que preferiram evitar a entrevista, gente que freqüentou a casa de Balbina e na atualidade nem quer ouvir falar em candomblé.

Ao mesmo tempo em que a data da morte de Balbina escapuliu da memória coletiva local, também ninguém comenta sobre a causa da mesma. Dona Alzira deu mais uma informação que tinha no baú da memória. Sua avó tomara uma queda, depois de tropeçar numa cadeira, em casa. Em consequência, tivera a bacia quebrada e seu estado delicado persistiu ainda por um prazo de oito dias. Não lembra mais a data, porém tem certeza que isso já tem mais de quarenta anos e de idade Balbina teria cerca de oitenta.

Por enquanto, não é conhecido o rastro da ancestralidade familiar ou religiosa de Balbina. Porém, os seus descendentes conseguem tê-la como primeira referência ancestral, mesmo aqueles que não seguiram a prática religiosa. O seu estabelecimento na ilha gerou uma história de família dentro de uma nova realidade, com novos códigos de convivência, com novas relações sociais e culturais, com novos significados.

Considerada a mãe da ilha, Balbina permeia na lembrança de todos que têm idade acima de cinquenta anos como símbolo de liderança social e religiosa. Casadei (2010) lembra a concepção de Halbwachs, em que as memórias e as lembranças estão vinculadas ao grupo que vive o indivíduo. Sem uma documentação escrita disponível, os depoimentos orais obtidos deram conta da dimensão que tinha uma mulher de baixa estatura, responsável pela vida de parte da população local. A falta de precisão nas datas não apaga o entusiasmo das pessoas em lembrar a sua pessoa laboriosa nos papéis de parteira, mãe de santo e curandeira. A identidade não consiste apenas em traços culturais de uma pessoa ou grupo, como Bauman (2005) nos faz perceber, mas um processo em construção permanente e em transformação ao longo do tempo, motivado inclusive por deslocamentos e novos encontros de

culturas. A nova identidade é construída conforme as condições oferecidas pelo novo território.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. ***Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi***. Rio de Janeiro: Zahar. 2005.

BRAGA, Júlio. ***Na Gamela do Feitiço: repressão e resistência nos candomblés da Bahia***. Salvador: Edufba, 1995.

CASADEI, Eliza Bachega. **Maurice Halbwachs e March Bloch em torno do conceito de memória coletiva. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 108, mai. 2010, p. 153-161.** Disponível em: <eduemojs.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/.../5607> Acesso em: 13 ago. 2011.

CARVALHO, Maria Rosário (org.). ***Identidade étnica, mobilização política e cidadania***. Salvador: UFBA/EGBA, 1989.

FOUCAULT, Michel. ***A microfísica do poder (s/d)***, disponível em: <<http://www.almascorsarias.com.br>> Acesso em: 18 nov. 2009.

LANDES, Ruth. ***A Cidade das Mulheres***. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LIMA, Vivaldo da Costa. ***A família de santo nos candomblés jeje-nagô da Bahia***. 2ª ed. Salvador, Corrupio, 2003.

OLIVEIRA, Queila. ***Ilha de Maré – Espaço, tempo, territórios e identidades. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2011.***

PLANO municipal de saneamento básico. ***Secretaria Municipal dos Transportes Urbanos e Infra-Estrutura – SETIN***. Disponível em: <http://www.infraestrutura.salvador.ba.gov.br/consultapublica/arquivos/DIAGNOSTICO_SERVICOS_AGUA_E_ESGOTO.pdf> Acesso em: 2 jul. 2011

ROUCHOU, Joëlle. **História Oral: entrevista-reportagem x entrevista-história. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v. XXIII, nº 1, jan/jun. 2000.** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/ojs-2.3.1-2/index.php/.../520>> Acesso em: 10 jun. 2010.

SANTOS, Jocélio Teles dos. ***O dono da Terra – o caboclo nos candomblés da Bahia.*** Salvador, Sarah letras, 1995.

FONTES ORAIS

Anaildes de Santana (Anade), 75 anos
Angélica Pereira Souza, 60 anos
Angelina Neves de Neves, 76 anos
Alzira Santana, 76 anos
Belmérica Adelita Magalhães Matos, 82 anos
Isabel Maria do Nascimento Pacheco, 56 anos
Judite Ferreira de Jesus, 77 anos
Maria Santana Farias de Carvalho, 70 anos